**FOLCLORE CATARINENSE**

**Doralécio Soares**

**Editora da UFSC-Florianópolis-2006-2ª ed.**

p.144-148

**Astronomia Popular**

Ainda permanece em uso, embora reduzida a poucos conhecedores, a Astronomia popular da ilha de Santa Catarina, noções essas muito úteis à vida da população dedicada às pescarias, tanto de alto-mar como costeira. É um tipo de astronomia de navegação, eminentemente empírico, decorrente da observação prática, em que se misturam estrelas, planetas, sol e lua. É relevante anotar que planetas e estrelas se confundem simplesmente como estrelas à ótica popular. E o mais curioso, ainda, é que em algumas ocasiões três planetas distintos são vistos como uma só estrela; noutras, um mesmo planeta é visto como sendo duas estrelas distintas. A pesar dessa aparente confusão, as resultantes observadas para navegação eram e continuam sendo perfeitas.

 As constelações- O antigo navegador açorita colonizador, oriundo do hemisfério norte, encontrou cá no Sul um céu diferente. Assim, teve ele que adaptar a sua astronomia, aproveitando-se de dados e informações orais que foi captando sobre o céu meridional. Já fixado no litoral de Santa Catarina, achou por bem criar, por exemplo, um panteão de apenas quatro constelações, pois o restante do céu, não lhe servindo de qualquer referência útil, era simplesmente ignorado. Ainda hoje, essas quatro constelações são observadas por velhos pescadores, com o seguinte significado:

1. Cruzeiro do Sul – Associada à navegação e à religião. Indica o rumo do sul e também é a representação celeste do símbolo fundamental do cristianismo.
2. Guarda da Cruz - assim eram chamadas as estrelas Alpha e Beta do Centauro; para os açoritas, representavam uma recordação das estrelas que, no hemisfério norte, são chamadas as Guardas da Ursa. Para eles, essas duas estrelas formavam uma constelação.
3. Três-Marias – outra constelação matuta de duplo sentido, náutico e religioso. São três estrelas do cinturão de Órion. Eram também chamadas de Estrelas do Meio do Céu, porque os navegadores açoritas sabiam que sobre elas passava a linha do Equador.
4. Rosarinho – também uma constelação de composição dupla, náutica e religiosa, um grupo estelar da Constelação do Touro, das Plêiades. De fato, a disposição ótica das sete estrelas das Plêiades visíveis a olho nu parece formar uma pequena cruz de rosário. O Rosarinho servia para apontar o norte.

**Estrelas mais importantes**

Para os pescadores ilhéus, só interessava observar umas poucas estrelas e planetas, que para eles eram estrelas também. O restante do céu era simplesmente ignorado por não ter utilidade prática de comunicar alguma coisa. Os principais pontos de referência eram:

Canopus – a Alpha da constelação do Navio. Que supria a falta do Cruzeiro ou das Guardas na indicação do rumo sul.

Achernar – a Alpha da constelação do Eridano, com igual finalidade. Como o Cruzeiro do Sul não é completamente visível no céu noturno d setembro a janeiro, essas duas estrelas cumprem seu papel.

Sirius – a Alpha da constelação do Grande Cão, também dava o rumo, de setembro a março. Sirius era também chamada Estrela do Leste, por nascer e ter ascensão reta a Leste e por ser, pela luminosidade, bem visível sobre a linha do horizonte.

Antares - a Alpha do Escorpião, conhecida como a Estrela Vermelha do Mar. Auxiliava a orientação de março a setembro, em certa parte da noite. O planeta Marte, visível no céu na época em que Antares não aparece à noite, era confundido com ela e também chamado de Estrela Vermelha do Mar.

Vênus - este planeta era conhecido como se fosse duas estrelas distintas. Ao nascer, pela madrugada, por estar a oeste do Sol, era a Estrela d’Alva, Estrela da Manhã ou Estrela do Pescador. Quando só era visível à tarde, por estar em posição a leste do Sol, era chamada de Estrela do Pastor, Papa-Ceia, Estrela da Tarde ou Estrela do Monte (por estar no horizonte do lado das montanhas do Continente).

Júpiter e Saturno – apesar de terem boa luminosidade, esses planetas não eram muito considerados porque, variando de brilho conforme a posição na órbita em relação à Terra, eram curiosamente chamados de Estrelas que Vão e Vêm, e até este faro da mecânica celeste era rimado assim:

“Nas Estrelas que vão e vêm

não confie neles ninguém.”

Lua e Sol – Além de ser utilizada para conferir as datas religiosas, numa relembrança do Calendário Eclesiástico para as Páscoas, a Lua tinha enorme importância na vida prática dos pescadores. Através dela eram aferidos os movimentos das marés e, consequentemente, as horas de sair para o mar e dele retornar, a hora de melhor pescaria e , finalmente, as horas para a pescaria de fundo de areia (como era chamada a colheita de berbigões) e a pescaria de encosto de pedra (a colheita de ostras de pedras e mariscos).

O Sol, como instrumento de navegação de alto-mar ou mareação, era usado simplesmente para determinar o mar profundo a leste e a costa feral a oeste. O pescador ilhéu não se dava com a pesca diurna, preferindo pescar à noite, entre o anoitecer e a aurora. Somente a pesca de fundo de areia e a de encosto de pedra eram feitas às primeiras horas do Sol (manhã) ou às horas do Sol se pôr (tarde). De modo geral, o Sol, durante o dia, era desconsiderado como útil à vida pesqueira, idéia herdada do açorita colonizador.

Os conhecimentos empíricos acumulados por várias gerações de pescadores em seu dia-a-dia mar adentro configuraram a Astronomia Popular ilhoa – ou astronomia matuta. Mas como o próprio autor é matuto, descendente de matuto ilhéu, tomou a decisão de colocar em versos, a sistemática de “saber” o tempo. Assim, temos nesta curiosa meteorologia óptica matuta, estas notáveis regras, que vão em versos cantáveis e memorizáveis:

1. De manhã, gato lambendo, à noite estrará chovendo.
2. Gato no chão, em rodilha, é frio que vem pela trilha.
3. Gato estirado no chão, é bom tempo e calorão.
4. Pássaro voando rente ao chão, muito calor e baixa pressão.
5. Muito alto ave voando, alta pressão vai chegando.
6. Urubu voando em círculo. dando volta à direita, é vento sul à espreita.
7. Urubu voando bem baixo, à esquerda volteando, é vento norte voltando.
8. Em manhã vermelha, nem campo nem relha.
9. Nuvem vermelha, ao Sol nascendo, traz chuva forte, ao Sol morrendo.
10. Altas nuvens rabo de galo, para o norte se desfiando, massa fria ao sul chegando.
11. Lanosos cúmulos brancos, esparsos do norte vindo, é calor que está surgindo.
12. Cúmulos brancos de lã, esparsos do norte vindo, é calor que está surgindo.
13. As galinhas se catando, céu nublado e vento brando.
14. O galo à tarde cantando, nuvens escuras chegando e temporal se formando.
15. Galinha, a sombra buscando, Sol quente e calor vibrando.
16. Se o galo, de madrugada, canta longo e sonoroso, vem muito clara a manhã e dia de Sol radioso.
17. O cachorro enrodilhado o tempo estará molhado.
18. O trevo fechado. Chão úmido e céu molhado.
19. Nuvem bem alta, mui grossa e vasta, vento forte e tempestade arrasta.
20. Com cheiro de maresia, tem vento sul neste dia.
21. Cheiro de barro no ar chegando, é o vento terral resfriando.
22. Rabo de galo alto torcendo, é ressaca que vem batendo.
23. Céu pro oeste esgazeando, muito frio na serrania, muita tainha chegando.
24. Sereno de manhãzinha, muito calor à tardinha.
25. O dia calmo e mar crespo sem grande ondeação, é vento de viração.

Deste modo, faço uma homenagem à arte de ver o tempo, tornando em versos o velho saber meteorológico. Esses versos, guardando a meteorologia matuta ilhoa, são ao todo 250. Mais tarde, deverão ser publicados em livro, para uso e exame de quem quiser ver o quanto sabiam os ilhéus da arte de marear, do céu e do mar. Até agora, eles têm sido publicados em boletins, sempre em número de 25, que os meus ancestrais matutos chamavam de “duas dúzias cheias” ou “duas dúzias e a inhapa”. Uma espécie de abono, ou gratificação, que os vendedores ilhéus davam aos compradores de suas mercadorias. A inhapa tem uma história interessante e ainda é usada nos sítios onde a ganância e a bruta sociedade de consumo não chegaram, um dia falaremos disto....